

Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova): notícia preliminar

Peral's Old Church (Proença-a-Nova, Central Portugal): preliminary report

Francisco Henriques, arqueólogo, Associação de Estudos do Alto Tejo
Nuno Félix, técnico de Arqueologia, Associação de Estudos do Alto Tejo



Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova): notícia preliminar

Peral's Old Church of Peral (Proença-a-Nova, Central Portugal): preliminary report

Francisco Henriques, arqueólogo, Associação de Estudos do Alto Tejo

Nuno Félix, técnico de Arqueologia, Associação de Estudos do Alto Tejo

Resumo Em local ermo, à distância de 500m da aldeia de Peral, existem ruínas de uma construção denominada Igreja Velha. Em resultado da remoção de vegetação e dos derrubes daquela estrutura, executada pela proprietária (igreja paroquial), foram recolhidos alguns materiais de interesse arqueológico. Nesta notícia faz-se um enquadramento histórico do templo e um estudo preliminar das moedas ali recolhidas.

Palavras-chave Capela, necrópole, período Medieval-Moderno

Abstract In a secluded place, around 500m southwest from the village of Peral (Proença-a-Nova, Central Portugal), there are ruins known as "Igreja Velha". Due to vegetation and rubble clearing actions carried out by its owners (the Proença-a-Nova parish), some archaeological materials were identified and collected. In this article, we present an historical framework for the understanding of this temple and a preliminary numismatic study.

Keywords Chapel, necropolis, Medieval-modern period

Introdução

Em agosto de 2017, no decurso de prospeção arqueológica enquadrada no Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN), o senhor Carlos Caseiro deu conhecimento de um conjunto de sítios de interesse arqueológico que se visitaram. Foi nesta ocasião que se observou, em local ermo, as ruínas da Igreja Velha do Peral. À data, era difícil interpretar adequadamente a ruína, devido ao denso coberto vegetal (arbóreo, arbustivo e herbáceo) e ao derrube existente no interior e exterior da estrutura. Fez-se ficha descritiva do sítio.

Durante o levantamento cultural no concelho de Proença-a-Nova identificaram-se outros sítios com características idênticas: antigos templos, em ruínas ou desaparecidos, em lugares ermos e a que ninguém atribui valor histórico, no presente, mas que continuam na memória da população local. Entre esses casos destacam-se o lugar da antiga capela de São Pedro, em Ervideira (Maxiais), de onde terá saído a velha imagem do santo homónimo, patente na capela da aldeia, o sítio denominado O Santo (Alvito da Beira), atribuído à antiga capela de São Lourenço, e o sítio do Espírito Santo (São Pedro do Esteval), relacionado tradicionalmente com a Igreja Velha de São Pedro do Esteval (CNS 28172).

Em 2020, durante a campanha do CAPN, revisitou-se o sítio para obter imagens de melhor qualidade e constatou-se que a construção tinha sido limpa de vegetação e desobstruída de derrubes, tanto no interior como ao longo da face exterior das paredes. Posteriormente, e aproveitando a disponibilidade de recursos técnicos especializados no CAPN, obteve-se um registo fotográfico aéreo do sítio, com recurso a drone, que serviu para a produção de um levantamento topográfico.

Simultaneamente, o sr. Padre Virgílio Martins deu conhecimento de dois lotes de materiais arqueológicos, um oriundo da Igreja Matriz de Proença-a-Nova, constituído por moedas e material osteológico, e o outro proveniente da Igreja Velha do Peral, constituído por moedas e uma peça em cerâmica. Estes materiais, adequadamente acondicionados, estão à guarda do Seminário dos Missionários do

Preciosíssimo Sangue, em Proença-a-Nova. Manifestou-se interesse em estudar o espólio numismático, intenção que foi prontamente atendida pelo sr. Padre Virgílio Martins, e cujos resultados se divulgam neste texto.

Em visita à aldeia do Peral foi comunicado que, há várias décadas, durante as obras de remodelação da envolvente da igreja, no lado oeste, em plena rua, foi posta à vista uma cavidade de planta quadrada cheia de ossos, certamente um depósito secundário de ossos humanos provenientes de enterramentos locais. Uma outra informação respeita à presença de talha dourada no altar-mor da igreja, antes do seu restauro, havendo notícia dessa existência há 55 anos.

Como figuras sacras de maior importância, a atual igreja do Peral conserva no altar-mor a figura de Santiago (imagem em madeira do século XVIII), as imagens (arcaicas) de São Pedro e São Sebastião, na nave, também em madeira e, do lado do Evangelho, uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, em madeira, e uma pequena imagem de Santo António, em terracota. Há também notícia de vários livros de registos, contudo, uns foram destruídos e outros foram levados, pelo sr. Padre Sousa para os arquivos.

O lugar

O sítio da Igreja Velha corresponde ao topo de uma pequena elevação, à cota de 254m, distanciada cerca de 500m a su-sudoeste da aldeia do Peral e escassas dezenas de metros a norte do IC8. Na folha 302 da Carta Militar de Portugal está assinalada como ruína. Atualmente, está envolvida por pinhal, por algumas azinheiras e carrascos. Acede-se ao local através de um caminho de terra batida, a partir do nó de ligação ao IC8.

Antes da “desmatção” a estrutura não era interpretável como sendo as ruínas de um templo (Figuras 1 e 2). O edifício tem planta retangular, dispondo de um anexo, igualmente retangular, na parede sul (sacristia). A construção é em alvenaria de

xisto com aglutinante, e está muito arruinada, com derrubes no interior e no exterior. As paredes conservam-se a alturas muito diferenciadas. O seu estado de conservação não permite determinar o número de águas que teria a respetiva cobertura.



Figuras 1 e 2. Imagens do local em 2017, antes da limpeza do sítio em 2020.

O templo é constituído por três diferentes compartimentos, a nave, a capela-mor e a sacristia.

A capela-mor tem planta retangular (2,7m de largura por 3,6m de comprimento, medidas interiores). Está integralmente revestida com reboco, tanto nas faces interiores como exteriores das respetivas paredes. Está selada a passagem deste espaço para a sacristia, adjacente no lado sul. O piso encontra-se revestido com tijoleiras, muito desgastadas, e na posição do altar-mor o chão é térreo. No chão e na parede leste, observam-se vestígios do encosto da estrutura do altar-mor. Na parede leste deste compartimento observa-se a base de um nicho que albergaria uma imagem sagrada. As paredes têm 80cm de espessura.

A passagem da capela-mor para a nave fazia-se sob um amplo arco, atualmente inexistente. Essa passagem, ampla, foi reduzida, em largura, ao espaço de uma vulgar porta, com a construção de duas paredes adossadas às ombreiras do antigo arco. Do lado da nave a parede tem vestígios de reboco a toda a largura.

A nave tem planta retangular (15,65m x 3,5m, medidas interiores). Observa-se uma única entrada, voltada a poente. As paredes da nave têm 56cm de espessura e não estão rebocadas, no interior e no exterior. Na parede do lado sul observam-se duas fiadas de orifícios de formato quadrangular que podem ter servido para a implantação de andaimes durante a construção, posteriormente, para ventilação e iluminação do interior. No lado interior da parede sul, junto à capela-mor, existiu um altar secundário (Senhora do Rosário) que ocupou uma reentrância em toda a espessura da parede original da nave. Este espaço foi reforçado no exterior com uma espessa parede, desalinhada da restante parede da nave e adossada à sacristia pelo lado este. É evidente que este altar foi acrescentado ao corpo da nave. Este sector conserva vestígios de reboco de cal, tanto no interior como no exterior.

No reboco interior restam alguns centímetros de um motivo decorativo de tipo geométrico (Figura 3). A “limpeza” de vegetação e a remoção de derrubes colocaram à vista o chão de nave, seccionado, ao longo do seu comprimento, por três fiadas de placas de xisto, relativamente estreitas, configurando quatro espaços em terra batida, eventualmente para sepultamentos, e dois outros perpendiculares àqueles. Não é de excluir que sobre estas fiadas de placas de xisto assentasse o sobrado. Junto da entrada do templo existem três grandes lajes de xisto.



Figura 3. Motivo decorativo no altar lateral, da nave.

A sacristia tem planta retangular (4m de comprimento por 1,8m de largura, medidas exteriores). As paredes não estão rebocadas, exceto a do lado norte, que a separa da capela-mor. O chão está revestido com placas de xisto disformes. Depois do fecho da passagem que a ligava à capela-mor ficou sem acessibilidade (Figuras 4 e 5).

Tendo em atenção as alterações estruturais documentadas, concluímos que após a perda da sua função original, como templo, este edifício foi reutilizado, eventualmente como cemitério, como casa de habitação ou como curral para o gado. A hipótese da utilização profana é sugerida pela transformação da passagem, em arco, entre o altar-mor e a nave, numa porta estreita. Este espaço permanece propriedade da Fábrica da Igreja Paroquial de Proença-a-Nova e, segundo nos informaram, no passado teria abrangido uma área maior em redor do templo.



Figuras 4 e 5. Imagens do sítio após a limpeza (2020)

Obteve-se informação oral, pelo senhor José Martins e outros, que a 30m a este da capela-mor, numa ocasião em que andavam a arrancar azinheiras, “apareceu um esqueleto ainda com cabelo na cabeça” e que no lado norte da capela-mor, a cerca de três metros, da Igreja Velha, havia umas grandes lajes de xisto.

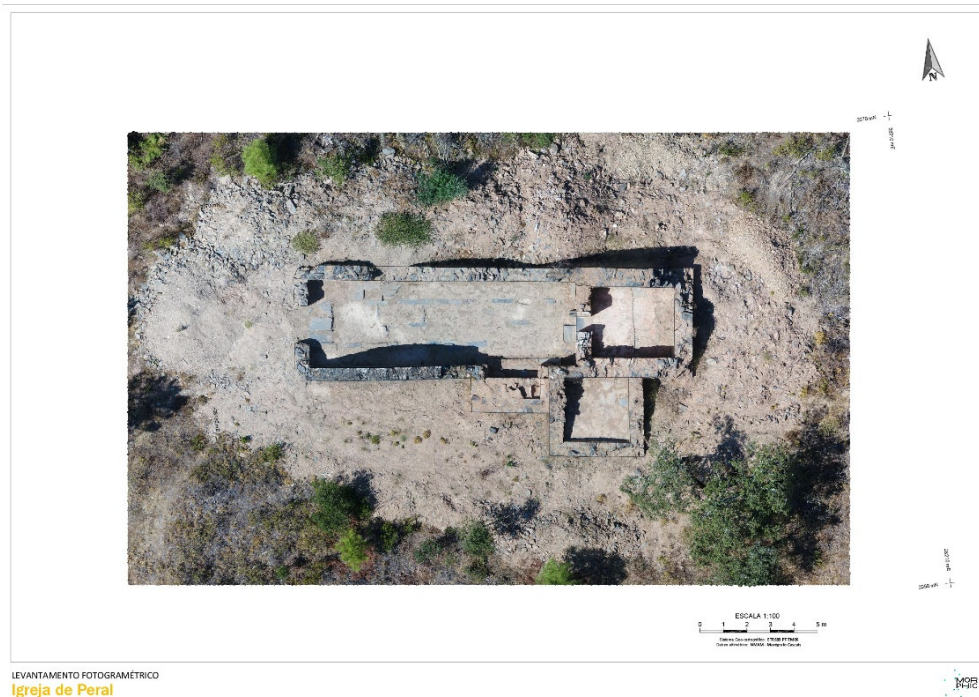


Figura 7. Ortofotografia e planta após limpeza do sítio (crédito Hugo Pires)

Notícias históricas

A primeira notícia acerca deste velho templo, de que temos conhecimento, data de 1620 e consta de um manuscrito de Pedro Nunes Tinoco, intitulado *Plantas e perfis das igrejas e vilas do Priorado do Crato*. Neste documento é referido que o autor, arquitecto Pedro Nunes Tinoco, visitou as fábricas das igrejas do priorado do Crato a mando do Governador Frei Manuel Carneiro, no ano 1615.

Pedro Nunes Tinoco afirma que “junto avila da proença termo dela estão duas fregezas distância de duas para tres legoas hua se chama S. pedro outra S. tiago asquais são mui pequenas por avere sido antigam^{te} ermidas estão mui danificadas e a rezão porq delas não fis plantas” (Tinoco, 1620:2). Um pouco mais à frente

acrescenta que “neste livro não vão traçadas as plantas da igreja da comenda de S. pedro d oesteval e S. tiago do pera” (Tinoco, 1620:3). Seguidamente afirma que “a fregezia de S. tiago tem sinquenta e sinco vezinhos esta muito danificada e caindo e a fregezia de S. pedro tem se^a vezinhos está da mesma sorte por sere antigas e quazi todas as fregezas tirando as que estão nas vilas não tem retabolos ne outras couzas necessarias ao culto devino que todas tenho por lembrança e as não pondo neste livro por não tere lugar e asi darei delas relasão todas as vezes que se me pedir” (Tinoco, 1620:8).

Este documento informa-nos que a igreja velha do Peral era pequena, por ter sido primitivamente uma ermida, e que à data de 1620 se encontrava em mau estado de conservação, “muito danificada e caindo”, e que não tinha retábulos nem outras “cousas” necessárias ao culto. Nas ilustrações, constata-se que todas as igrejas tinham uma única nave, exceto a igreja matriz de Proença-a-Nova. As plantas eram, na essência, semelhantes: uma nave, com dois altares, e duas ou três portas; a capela-mor com um altar e porta (s) de acesso às sacristias laterais (uma ou duas). O acesso à sacristia fazia-se exclusivamente através da capela-mor. As igrejas representadas neste manuscrito, correspondentes ao atual concelho de Proença-a-Nova, são a igreja matriz de Proença-a-Nova e as igrejas da Nossa Senhora da Conceição (Sobrainho dos Gaiois), da Nossa Senhora do Olival (em Proença-a-Nova) e do Espírito Santo.

A referência seguinte, datada de 1708, consta em *A Corografia Portuguesa e Descripçam Topografica do Famoso Reyno de Portugal* do padre António Carvalho da Costa. Na página 586, este autor afirma que “o termo defta Villa [Proença-a-Nova] tem duas Freguezias, que faõ a de S. Pedro do Ezteval, curado que tem de renda dous mil reis, hum moyo de trigo, vinte almudes de vinho, & para a fabrica huma arroba de cera, & hum alqueire de azeite. A outra Freguezia he da invocação de Santiago, & tem hum Cura com a mefma renda”.

Se a igreja em 1620 estava muito danificada, como descrito, cerca de século e meio depois a sorte não parece ser melhor. O pároco qualifica-a como velha e mal reparada.

O terceiro documento foi subscrito por Pedro Rolão (?), pároco de Peral, em 22 de Outubro de 1759. À data, a igreja pertencia ao Grão-Priorado do Crato e era termo de Proença de Proença-a-Nova. Na resposta à quinta pergunta do questionário, o manuscrito documenta que *“a igreja desta freguesia é duma só nave muito velha / e mal reparada situada fora do lugar em um deserto / o seu orago é S. Tiago menor tem somente dois al / tares um do orago outro de Nossa Senhora do Rosário / não irmandades algumas tem”*.

A caracterização de 1759, nas Memórias Paroquiais, corresponde ao que ainda hoje podemos observar no local da Igreja Velha do Peral. Está situada num ermo, tem uma única nave e dois altares (um na capela-mor outro no lado da Epístola). Este documento regista a existência de uma capela, dedicada a São Pedro, junto à povoação do Peral. Não se rejeita a hipótese da referida capela se ter transformado na atual igreja matriz do Peral. No seu interior conservam-se as imagens de São Pedro, de São Sebastião e de São Tiago.

Na Monografia de Proença-a-Nova, o padre Manuel Alves Catharino (1933) afirma que a freguesia do Peral foi constituída no séc. XVI, pouco depois da criação da freguesia de São Pedro do Esteval em 1554. Antes da autonomização, integravam ambas o território da freguesia de Proença-a-Nova. Neste estudo não há referência à Igreja Velha do Peral.

O sítio da Igreja Velha do Peral não consta no *Estudo de Impacte Ambiental do IC8 Proença-a-Nova / IP2*, executado em 2001 (Gervásio 2002), nem no relatório final do acompanhamento arqueológico (Gonçalves, 2011) da empreitada de construção do lote 7 do IC8 (Proença-a-Nova / Perdigão), com aquela ou outra designação.



Figuras 8 e 9. Imagens de São Pedro e de São Tiago na actual igreja do Peral

Lendas associadas

O senhor José Martins (Peral) comunicou a existência de uma cavidade na margem esquerda do ribeiro do Peral, não muito longe do sítio da Igreja Velha, que comunicaria com a referida igreja. Visitou-se o local e reconheceu-se a presença uma cavidade natural, de topo arqueado, na base de um afloramento de rocha metassedimentar. No passado, o espaço situado entre a linha de água e este afloramento foi utilizado para produção agrícola. Esta cavidade tem o nome de “Buraco da Raposa”. O atual traçado do IC8 passa entre o Buraco da Raposa e a Igreja Velha.



Figura 10. Buraco da Raposa

Numismas

No sítio da Igreja Velha do Peral foram recolhidas quinze moedas, descritas no Quadro 1. Todos os exemplares são, aparentemente, de cobre e estão em mau estado de conservação. Deste conjunto foi possível identificar oito exemplares, correspondentes a um ceitil, cinco moedas de V réis, uma moeda de III reais e uma outra de III réis. Quanto à cronologia foi possível caracterizar nove moedas, sendo uma de D. João II, uma de D. João III, três de D. Pedro, príncipe regente, duas de D. Pedro II e duas outras de D. João V.

No rol de moedas encontradas no lugar da Igreja Velha do Peral a mais antiga remonta ao final do séc. XV, mas podia continuar a circular no início do séc. XVI, seguindo-se uma outra do séc. XVI. A mais tardia é de 1724. Predominam as moedas dos séculos XVII (três) e XVIII (quatro).

Desconhece-se o contexto destes numismas e se integravam, ou não, o espólio associado às inumações identificadas.

Quadro 1. Numismas do sítio da Igreja Velha do Peral

Nº IP1 Objeto Moeda, ceitil **Cronologia** Séc. XV, D. João II **Descrição** No anverso, castelo com muralha baixa, reta, com torres junto à muralha. No verso, escudo do 4º tipo com escudetes em contorno, besantes em relevo e castelos cantonados; ladeado por aneletes. Cercaduras lineares **Dimensões** mod. 18,40mm; esp. 0,80mm **Peso** 1,1g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP2 Objeto Moeda, V réis **Cronologia** Séc. XVII, D. Pedro príncipe regente **Descrição** No anverso, escudo real com bordadura e coroado por coroa fechada e encimada por uma cruz, está ladeado por pontos. No verso, valor monetário "V" **Dimensões** mod. 30,65mm; esp. 1,40mm **Peso** 6,4g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP3 Objeto Moeda, V réis **Cronologia** Séc. XVIII, 1703, D. Pedro II
Descrição No anverso, a identificação do soberano “P II” encimado por coroa. Cercaduras denticuladas. No verso, valor monetário “V” dentro de grinalda, na parte superior da face, exergo, tem a data de “1703”
Dimensões mod. 30,25mm; esp. 1mm **Peso** 3,5g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP5 Objeto Moeda, V réis **Cronologia** Séc. XVII, D. Pedro, príncipe regente **Descrição** No anverso, escudo real com bordadura e coroado. No verso, valor monetário “V” ladeado e encimado por aneletes **Dimensões** mod. 31,85mm; esp. 1,65mm **Peso** 5,8g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP4 Objeto Moeda, V réis **Cronologia** Séc. XVIII, 1715, D. João V
Descrição No anverso, a identificação do soberano “J V” encimado por coroa com dois arcos, fechada e encimada com uma cruz. No verso, valor monetário “V” dentro de grinalda, na parte superior da face, exergo, tem a data de “1715”. Cercaduras denticuladas **Dimensões** mod. 30,75mm; esp. 1,10mm **Peso** 5g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP6 Objeto Moeda, V réis **Cronologia** Séc. XVIII, 1703, D. Pedro II
Descrição No anverso, a identificação do soberano “P II” encimado por coroa de dois arcos e cinco florões, fechada e terminada com uma cruz. Cercaduras denticuladas. No verso, valor monetário “V” dentro de grinalda, na parte superior da face, exergo, tem a data de “1703” **Dimensões** mod. 30,15mm; esp. 0,90mm **Peso** 3,6g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP7 Objeto Moeda, III reais **Cronologia** Séc. XVI, D. João III **Descrição** Verso, escudo real com bordadura, ladeado por fitas **Dimensões** mod. 27,20mm; esp. 0,70mm **Peso** 1,9g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP9 Objeto Moeda **Cronologia** Não determinada **Dimensões** mod. 27,65mm; esp. 1,10mm **Peso** 3,7g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP8 Objeto Moeda **Cronologia** Séc. XVII, D. Pedro, príncipe regente (?) **Descrição** **Dimensões** mod. 25mm; esp. 0,65mm **Peso** 2,3g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP10 Objeto Moeda **Cronologia** Não determinada **Dimensões** mod. 38,85mm; esp. 0,75mm **Peso** 2,8g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP11 Objeto Moeda **Cronologia** Não determinada **Dimensões** mod. 29mm; esp. 1mm **Peso** 2,7g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP13 Objeto Moeda **Cronologia** Não determinada **Dimensões** mod. 24mm; esp. 0,60mm **Peso** 1,3g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP12 Objeto Moeda **Cronologia** Não determinada **Dimensões** mod. 25,65mm; esp. 0,55mm **Peso** 0,9g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP14 Objeto Moeda **Cronologia** Não determinada **Dimensões** mod. 25mm; esp. 0,55mm **Peso** 1g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Nº IP15 **Objeto** Moeda, III réis **Cronologia** Séc. XVIII, 1724, D. João V
Descrição Está incompleta e partida em três fragmentos. No anverso, escudo real coroado; no verso o valor monetário "III", com a era por baixo "1724" **Dimensões** esp. 0,55mm **Peso** 0,5g **Material** Cobre **Estado de conservação** Mau



Considerações finais

Depois da limpeza efetuada pelos seus proprietários, ação que motivou um novo olhar e um renovado interesse neste monumento religioso, sem o recurso a uma intervenção arqueológica e antropológica, não poderemos desenvolver o conhecimento acerca da história deste templo rural, seja quanto à época da sua construção, à duração da sua ocupação (séc. XV a XVII?), ao momento do seu abandono e à sua reutilização para fins profanos.

É reconhecida pela AEAT e pelo município de Proença-a-Nova o interesse em dar seguimento ao estudo deste monumento e à consolidação das estruturas, garantindo a sua conservação e melhor resistência aos agentes naturais, no contexto de uma valorização pública para visita, tirando partido da boa acessibilidade do sítio, por estar posicionado junto do nó de acesso à aldeia de Peral a partir do IC8.

Este estudo foi realizado antes dos trabalhos arqueológicos que vieram a ser executados no sítio, sob coordenação de Anabela Joaquineto, Fernando Robles Henriques e Francisco Henriques.

Agradecimentos

Para a elaboração deste texto devemos agradecimentos ao senhor padre Virgílio Martins, que nos proporcionou a oportunidade de estudar o espólio arqueológico recolhido na Igreja Velha do Peral, ao senhor José Ribeiro Martins (Peral), por diversas informações e acompanhamento em campo, ao arqueólogo Gerardo Gonçalves, por ter disponibilizado o Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos do IC8, lanço Proença-a-Nova – Perdigão, ao arqueólogo Mário Monteiro, de EMERITA - Empresa Portuguesa de Arqueologia, pela colaboração na consulta de documentos úteis, e ao arqueólogo Artur Henriques, que nos prestou indicações úteis.

Bibliografia

Catharino, Manuel Alves (1933), Concelho de Proença-a-Nova, (Monografia). Companhia Editora do Minho-Barcelos. Lisboa.

Costa, António Carvalho da (1708), A Corografia Portuguesa e Descrição Topográfica do Famoso Reyno de Portugal..., Lisboa.

Gervásio, Ana Sofia (2002), Relatório do Estudo de Impacte Ambiental - IC8 Proença-a-Nova/IP2. Inédito.

Gonçalves, Gerardo Vidal (2011), Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos Subconcessão do Pinhal Interior, lote 7, IC8, lanço Proença-a-Nova – Perdigão (A23), Omnisknos – Arqueologia e Valorização do Património Cultural, Lda, inédito.

Magro, F. A. Costa (1986), Ceitis, Instituto de Sintra.

Marques, Mário Gomes (1982), Introdução à Numismática, Publicações Dom Quixote.

Memórias paroquiais, vol. 28, nº 141, p. 1027 a 1030
(<https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=4241183>)

Tinoco, Pedro Nunes (1620), Plantas e perfis das igrejas e vilas do Preorado do Crato, manuscrito.

Vasconcelos, J. Leite de (1958), Nomenclatura Numismática, Ulmeiro.

Vaz, J. F. e Salgado, J. (1988), Livro das Moedas de Portugal, Braga.

Vieira, R. M. Lobo, coordenador (s/d), Moedas Portuguesas da época dos descobrimentos, 1383/1583. Coleção do Museu Histórico Nacional.